

Público

## Governo olha para a TAP “com muita preocupação”

**Crescem as vozes que pedem intervenções estatais no sector, desde a Lufthansa e KLM até às companhias norte-americanas.**

No meio do turbilhão provocado pelo novo coronavírus no sector da aviação, há cada vez mais vozes a defenderem intervenções para proteger empresas como a TAP e as suas congéneres. “A pressão está a aumentar juntos dos governos para tomarem rapidamente acções de apoio” às companhias aéreas, sintetizou à Reuters um analista do sector, Daniel Roeska.

Questionado pelo PÚBLICO sobre se o Governo está preparado para injectar capital na TAP, se e quando for necessário, o Ministério das Infra-estruturas de Pedro Nuno Santos respondeu, através de fonte oficial, que está “a acompanhar a situação com muita preocupação”.

Esta sexta-feira, e após a forte queda provocada [pelo anúncio dos EUA](#) de que não iriam aceitar durante 30 dias passageiros que tivessem estado no espaço Schengen nos últimos 14 dias (à excepção dos norte-americanos), os sinais de intervenção estatais, mais ou menos directos, avolumaram-se dos dois lados do Atlântico.

O bloqueio de Donald Trump atingiu em cheio a transportadora aérea portuguesa, que está a operar 49 voos de ligação aos EUA por semana, mercado onde tem vindo a fazer uma forte aposta (é o terceiro maior mercado, após o Brasil, e responsável por cinco das sete rotas mais rentáveis).

Na quarta-feira, ainda antes do anúncio de Trump, o presidente executivo da TAP, Antonoaldo Neves, [já falava em nuvens escuras](#) no horizonte numa conferência telefónica com analistas. Sobre as [dificuldades causadas pelo surto](#), e já perante a possibilidade de se verificar uma facilitação das ajudas estatais na UE, o gestor considerou que, a avançarem, a TAP estará entre as visadas devido à sua importância para o país.

Por outro lado, defendeu essa questão teria mesmo de ser garantida no espaço europeu se houvesse apoios ao sector nos EUA - de modo a evitar distorções concorrenciais.

Antonoaldo Neves afirmou, no entanto, que já sabia que podia com o apoio dos accionistas, ou seja, do consórcio privado Atlantic Gateway (dono de 45% do capital,

detido por David Neeleman, a Azul, e por Humberto Pedrosa) e do Estado português (50%). Com o anúncio de Trump, a turbulência subiu a pique, tal como a pressão sobre as contas da TAP e de outras companhias. Até agora, a empresa portuguesa ainda não cancelou ainda nenhum voo para os EUA, mas deverá ser apenas uma questão de tempo. A actual conjuntura surge após dois anos com prejuízos acima dos 100 milhões de euros mas com [sinais de inversão dos resultados](#).

### **Apoios à vista**

A alemã Lufthansa, de acordo com a Reuters, já afirmou que precisa de apoio governamental - numa altura em que tem dois terços da frota no chão, e o primeiro-ministro holandês avançou que está a analisar medidas para apoiar a KLM (subsidiária do grupo Air France-KLM) e o aeroporto de Schiphol, pela sua “importância para a sociedade holandesa”.

No Reino Unido, o presidente da British Airways (que faz parte da IAG, ao lado da Iberia) falou esta sexta-feira numa luta “pela sobrevivência” da companhia e, segundo a Reuters, enviou uma mensagem aos trabalhadores onde prevê que o impacto do novo coronavírus seja pior do que provocado pelo 11 de Setembro, pelo surto do SARS e pela crise financeira de 2008. Nos EUA, a Delta, a United e a American Airlines estão em conversações com o executivo de Trump para ver como podem receber ajuda.

### **Ajudas compatíveis**

Em Bruxelas, a Comissão Europeia sinalizou a propósito do vírus que, em termos de regras da concorrência, as ajudas concedidas pelos Estados são compatíveis com o mercado interno quando esses auxílios se destinam “a remediar os danos causados por calamidades naturais ou por outros acontecimentos extraordinários”, conforme está escrito no Tratado de Funcionamento da União Europeia, o que inclui, destaca-se, sectores “como a aviação e o turismo”.

Pelo meio, a associação da aviação a nível mundial, a IATA, defendeu esta sexta-feira que “o colapso na procura não tem precedentes”. Através do seu vice-presidente para a Europa, Rafael Schwartzman, a IATA congratulou-se com a entrada em vigor da [suspensão da regra do uso das faixas horárias](#) (conhecidas por *slots*, em inglês), que dá flexibilidade ao sector pelo menos até Junho, mas considerou “os governos têm de considerar outras formas de alívio de emergência”.

Um indicador mostra bem o que está a acontecer ao sector: as acções das companhias aéreas, reunidas no índice STOXX Europe Total Market Airlines, caíram 43% desde o início do ano.